

TEMPO DE REVOLUÇÃO

JULHO DE 2022

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI) EDIÇÃO 20

Sobe a temperatura da luta de classes



EDITORIAL



A greve nacional convocada do Equador terminou em 30 de junho, após 18 dias de luta, com a assinatura de um acordo contendo importantes concessões do governo

A luta de classes continua em todo o mundo

O ano de 2022 está marcado por uma série de mobilizações que mostram uma situação revolucionária no mundo inteiro.

Sri Lanka

No dia 9 de julho, as mobilizações que tomam conta do Sri Lanka há mais de dois meses atingiram um ponto crítico quando manifestantes tomaram a residência presidencial levando Gotabaya Rajapaksa a fugir pela porta dos fundos e, um dia depois, anunciar sua renúncia.

Gotabaya assumiu a presidência do país em 2019 e integra o clã que governa a vida política cingalesa há décadas. Seu irmão e líder do clã, Mahinda, que já presidiu o Sri Lanka até 2015, chegou a ser nomeado

primeiro-ministro por seu irmão, porém, com as mobilizações deste ano se viu obrigado a renunciar em maio, depois que os violentos confrontos entre as forças de segurança e os manifestantes deixaram nove mortos.

O descrédito nas instituições e no governo, a escassez de alimentos, de remédios, cortes de energia elétrica e a falta de combustíveis estão entre as principais causas da ira popular que tomou conta das ruas do país. Além disso, a inflação galopante, que só em junho foi de 55%, faz com que os poucos produtos acessíveis tenham preços exorbitantes. De acordo com a ONU, 75% da população não se alimenta de maneira suficiente.

Soma-se a todos esses problemas a forma

Há um elemento fundamental neste que é o maior movimento de massas desde a independência da ilha em 1948: Os “ingredientes” para a explosão social do Sri Lanka estão presentes em praticamente todo o mundo

desastrosa como o governo tem lidado com a pandemia no país. As estatísticas escondem por conta da subnotificação, mas atualmente milhares vão aos hospitais diariamente e muitos morrem de Covid-19. O acesso ao ensino remoto é negado

para mais da metade dos estudantes, pois não há internet disponível para grande maioria.

Há um elemento fundamental neste que é o maior movimento de massas desde a independência da ilha em 1948: os “ingredientes” para a explosão social do Sri Lanka estão presentes em praticamente todo o mundo.

Equador

Esses elementos estão presentes no Equador, por exemplo, que foi palco de uma greve geral de 18 dias, encerrada em 30 de junho, e que apresentava em sua pauta reivindicações como a diminuição do preço dos combustíveis, remédios e suprimentos para hospitais e postos de saúde, entre outros pontos (leia a análise completa da greve nas páginas 14 e 15).

Líbia

No dia 1º de julho, manifestantes tomaram e atearam fogo no Parlamento da Líbia, na cidade de Tobruk, após romper os portões do palácio com uma escavadeira. Na capital, Trípoli, manifestantes se dirigiram ao palácio presidencial e só recuaram após forte repressão policial, entretanto, apenas mudaram o destino do protesto e foram até a sede do primeiro-ministro. No dia seguinte as manifestações tomaram as principais cidades do país e barricadas foram levantadas nas principais estradas próximas à capital.

Entre as palavras de ordem utilizadas pelos manifestantes, estavam “O povo quer a queda do regime”, “Estamos fartos! A nação quer derrubar governos! Queremos eletricidade!”.

EXPEDIENTE

Diretor de Publicação: Serge Goulart
Editor: Evandro Colzani
Diagramação: Henrique de Macedo
Capa: Evandro Colzani

Conselho Editorial: Alex Minoru, Caio Dezorzi, Johannes Halter, Lucy Dias, Luiz Bicalho e Maritania Camargo

Comitê de Redação: André Mainardi, Francine Hellmann, Henrique de Macedo, Mariana Rosa, Michel Silva, Michelle Vasconcellos e Mateus Tavares

Jornalista Responsável: Rafael Prata
MTB nº 40040/SP

TEMPO DE
REVOLUÇÃO

A desconfiança com os políticos é generalizada, os cortes constantes de eletricidade que o país tem sofrido nos últimos dias e o alto custo de bens essenciais como o pão estão entre os principais motivos da ira popular.

Mianmar

No dia 7, em Mianmar, um protesto com duas mil trabalhadoras da fábrica de roupas *A Dream of Kind* reivindicava direitos trabalhistas, garantia de licença médica, licença eventual, assistência social e aumento salarial, além de denunciar violações de direitos trabalhistas e várias formas de opressão que ocorrem na fábrica.

Esse movimento demonstra o nível de radicalização do país, pois desde o golpe militar de fevereiro de 2021 o regime instaurado em Mianmar tornou ilegais as organizações de trabalhadores e sindicatos. Alguns ativistas tiveram que fugir quando os movimentos de massa foram brutalmente reprimidos.

Ainda podemos destacar a greve dos ferroviários na Grã-Bretanha (ver mais na página 16) e a renúncia de Boris Johnson, a onda de sindicalização e as manifestações pelo direito ao aborto nos Estados Unidos, greves na Espanha, mobilizações na Argentina etc.

Crise, guerra, revolução e contrarrevolução

Março de 2020 marcou o início da pandemia que matou mais de 6,3 milhões e assola o mundo até hoje. Naquele momento afirmamos que apesar de uma paralisia momentânea diante do avanço do coronavírus, explicamos que “grandes revoltas se preparam para o momento seguinte”.

O início da pandemia representou uma mudança brusca da situação política e iniciou uma nova etapa. O avanço da vacinação e a incapacidade da

classe dominante de garantir que *lockdowns*, distanciamento social e até o uso de máscaras fosse uma realidade na maioria dos países logo lançou uma parcela da população contra seus governos. Não demorou muito para que mobilizações voltassem a acontecer (podemos destacar as lutas pelo “Fora Bolsonaro!” no Brasil) e eventos de grande magnitude, como o assassinato de George Floyd pela polícia nos Estados Unidos, desencadearam mobilizações globais antes mesmo do surgimento de vacinas.

O que os marxistas devem compreender desse processo é que segue a luta para ganhar a vanguarda do movimento proletário, principalmente sua camada jovem, que poderá se preparar agora, se forjar nos combates que virão

A pandemia foi um acidente que acelerou ainda mais os problemas desencadeado pela crise econômica mundial iniciada em 2008. As massas tornaram-se mais miseráveis e, ao mesmo tempo, a humanidade viu a burguesia enriquecer ainda mais, com o surgimento de novos bilionários e até trilionários.

Mas não vivemos mais na mesma etapa de desenvolvimento histórico iniciado com o avanço do coronavírus pelo planeta.

Praticamente todos os governos injetaram dinheiro na economia para enfrentar a crise desde 2008, com nova injeção agora em 2020. O resultado foi um aumento da já elevada dívida pública. A injeção de dinheiro público, em outras palavras, a emissão de moeda, soma-

da a gargalos na produção e transporte de mercadorias, provocou um fenômeno global de alta da inflação. Além destes fatores de instabilidade para a economia global, há ainda o problema das bolhas especulativas, com destaque para a bolha do mercado imobiliário na China. Estamos diante de uma situação marcada pela inflação galopante, crise dos combustíveis e de energia, empobrecimento das massas e radicalização ainda maior das ruas. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia é uma consequência do desenvolvimento da crise do capitalismo e impactou ainda mais na luta de classes.

E o Brasil?

O que acontece no mundo poderá se desenvolver de maneira semelhante no Brasil. Se ainda não vimos grandes explosões sociais por aqui é porque as direções da classe trabalhadora jogaram todas as expectativas para as eleições. Neste momento de radicalização até astros da música pop se colocam contra Bolsonaro, tamanha é a pressão da sociedade.

Após a traição da luta pelo “Fora Bolsonaro!”, o combate contra esse governo reacionário tende a se expressar nas urnas, mas o desemprego, a fome, a destruição da saúde, da educação e dos serviços públicos, as privatizações ainda serão realidade. Em breve, ou até mesmo antes de outubro, as ruas podem novamente ser o palco dos principais combates por melhores condições de vida. Os prazos são incertos, mas abaixo da superfície se acumula a ira e a frustração de milhões de brasileiros que sentem na pele as consequências da crise, da pandemia, do machismo, do racismo etc.

Cada país carrega suas particularidades devido ao seu próprio desenvolvimento histórico, mas os desdobramentos das eleições na França e na Colômbia, por exemplo, mostram



Manifestantes ocupam a residência presidencial no Sri Lanka

como a esquerda aparece como uma alternativa diante do fracasso dos governos reacionários que se lançaram na tentativa de jogar todos os custos da crise e da pandemia sobre os ombros dos trabalhadores. Também demonstram a falência dos “reformistas” completamente submissos às suas burguesias e ao imperialismo.

O que os marxistas devem compreender desse processo é que segue a luta para ganhar a vanguarda do movimento proletário, principalmente sua camada jovem, que poderá se preparar agora, se forjar nos combates que virão e aprender a ver o mundo com os olhos da classe trabalhadora e a marchar ao seu lado, obro a ombro. Como afirmamos anteriormente:

“Nunca foi tão atual o combate que a *Corrente Marxista Internacional (CMI)*, e sua seção brasileira, a *Esquerda Marxista*, travam pela construção de uma verdadeira internacional dos trabalhadores que, agindo internacionalmente, e em cada país, pela unidade e independência de classe dos trabalhadores, com base nas verdadeiras tradições revolucionárias do movimento operário mundial

e no programa marxista, possa ajudar a conduzir as classes trabalhadoras ao limiar de sua verdadeira história de paz, de progresso e realização de todas as capacidades humanas, saindo do reino da miséria e do sofrimento para o reino da felicidade e da abundância.”

Para construir o partido revolucionário é preciso retomar nossa atividade cotidiana nas escolas, universidades, fábricas, nos bairros, nas praças, nas ruas. As candidaturas da Esquerda Marxista durante este processo eleitoral (ver página 04) irão apresentar as análises e a plataforma de combate da organização, batalhar para ganhar o maior número possível de militantes para a luta consciente e organizada pelo socialismo levando como slogan central: **Abaixo Bolsonaro! Abaixo o capitalismo! Por um governo dos trabalhadores sem patrões nem generais! Viva o socialismo!**

Nesse processo de radicalização pelo qual estamos passando devemos, por meio das reivindicações transitórias, ajudar a elevar a consciência dos trabalhadores e da juventude e mostrar que um mundo novo é possível e necessário.



FAÇA SUA ASSINATURA!

Receba em sua casa e tenha total acesso à edição digital e ao boletim mensal!

Acesse www.livrariamarxista.com.br ou utilize o QR Code ao lado



SITUAÇÃO POLÍTICA E ATIVIDADE DA EM

O combate da Esquerda Marxista nas eleições 2022: explicar e construir

ALEX MINORU

Os marxistas combatem cotidianamente as pressões esquerdistas e oportunistas sobre a organização revolucionária e o movimento de nossa classe. Tais pressões se apresentam com força redobrada ao tratar da intervenção nas eleições burguesas e seu parlamento.

Os comunistas intervêm nas eleições compreendendo que este é o terreno distorcido da classe inimiga. Enquanto as massas têm ilusões nas eleições e no parlamento, boicotar a participação neste processo é uma opção esquerdistas. Lenin explica isso em seu livro “Esquerdismo, doença infantil do comunismo”. Ao mesmo tempo, propagar a ideia de que os problemas fundamentais das massas serão resolvidos pelas eleições ou a atividade parlamentar, significa alimentar as

ilusões nas instituições burguesas. Os comunistas combatem as ilusões, ou seja, intervimos nas eleições e no parlamento, dialogando com as necessidades das massas, para desmascarar a podridão deste sistema e a necessidade de novas instituições, de uma nova democracia (a democracia operária), e que para chegar a esta nova sociedade é preciso uma revolução. Um parlamentar comunista deve ser um tribuno do povo, e não um parlamentar comum a realizar uma atuação orgânica no poder legislativo da burguesia.

A luta de classes irá se expressar fortemente nas eleições deste ano. A luta contra o governo Bolsonaro dos últimos anos foi bloqueada pelas direções dos aparatos (CUT, grandes sindicatos, UNE, PT, PCdoB, PSOL etc.) e canalizada para as eleições. A ausência de uma expressiva candidatura socia-

lista (papel que o PSOL poderia e deveria cumprir, mas que a direção majoritária se recusou a assumir), faz com que as massas utilizem a candidatura de Lula para pôr fim a este odiado governo. Recusar-se a chamar voto em Lula para derrotar Bolsonaro, nesse contexto, é um profundo erro esquerdistas. Ao mesmo tempo, chamar o voto em Lula de forma acrítica, sem condenar suas alianças (Alckmin etc.) e os recuos de seu programa, é também um erro oportunista.

A Esquerda Marxista participará destas eleições com candidaturas cujo slogan central será: **Abaixo Bolsonaro! Abaixo o capitalismo! Por um governo dos trabalhadores sem patrões nem generais! Viva o socialismo!**

Nossas candidaturas defenderão uma plataforma de reivindicações transitória. Com base nessa plataforma também chamamos voto em Lula. As massas não es-

tão votando em Lula para que ele forme um governo de unidade nacional com a burguesia e siga uma política de submissão aos interesses do imperialismo, ou seja, a mesma política aplicada por Bolsonaro. É preciso condenar desde já as alianças de Lula com a burguesia e cobrar o atendimento das reivindicações necessárias para a solução dos problemas imediatos e históricos da classe trabalhadora. Esta é a plataforma apresentada pela Esquerda Marxista:

- Não pagamento da dívida pública (interna e externa), que não foi o povo que fez e que é o principal instrumento de domínio imperialista e de exploração da classe trabalhadora e de todos os oprimidos!

- Todo investimento necessário nos serviços públicos! Realização imediata de concursos públicos para preenchimento de todas as vagas existentes e ampliação do atendimento! Saúde e Educação públicas e gratuitas para todos! Abaixo a Reforma do Ensino Médio! Cancelamento de todas as OSs, na Saúde, e fim do financiamento público para empresas privadas de educação! Contratação efetiva e direta pelo Estado de todos os trabalhadores das parcerias privadas (ONGs, OSs etc.), com garantia de direitos e estabilidade no emprego.

- Seguro-desemprego para todos os desempregados. Estabilidade no emprego, nenhuma demissão! Reajuste mensal automático dos salários de acordo com a inflação!

- Anulação de todas as reformas trabalhistas e das reformas da Previdência de FHC, Lula, Dilma, Temer e Bolsonaro! Previdência pública e solidária, aposentadoria com o último salário integral após 35 (homens) / 30 (mulheres) anos de trabalho, sem idade mínima.

- Congelamento dos aluguéis. Proibição de despejos por falta de pagamento de aluguéis! Expropriação dos prédios e terrenos ocupados: Moradia para todos os trabalhadores sem-teto!

- Reforma agrária já! Por uma verdadeira reforma agrária que deve passar pela expropriação e estatização do Agronegócio e do latifúndio, sob controle dos trabalhadores!

- Anulação de todas as privatizações de serviços e empresas públicas realizadas pelos governos FHC, Lula, Dilma, Temer e Bolsonaro!

- Independência de classe! Revogação do fundo partidário e eleitoral! Autossustentação militante!

- Abaixo o governo Bolsonaro! Abaixo o capitalismo! Pela revolução socialista com um governo dos trabalhadores sem patrões nem generais!

- Viva o socialismo internacional!

As campanhas da Esquerda Marxista estarão concentradas na explicação da situação atual e do que é necessário para pôr fim à dor e sofrimento proporcionados pelo capitalismo, este sistema decadente que nos conduz à barbárie. As candidaturas da Esquerda Marxista serão pontos de apoio para a elevação da consciência política dos ativistas que querem transformar o mundo e, portanto, para a construção da organização revolucionária. Nossas candidaturas recusam o fundo partidário e eleitoral, compreendendo que a independência financeira é condição para a independência política. Apoie nossa plataforma, apoie as candidaturas da Esquerda Marxista nestas eleições!



Lançamento da pré-candidatura da camarada Lucy Dias

Conferência prepara marxistas para guerra de classes e eleições 2022

| JOHANESS HALTER

Os militantes da Esquerda Marxista estiveram reunidos neste fim de semana, dias 2 e 3 de julho, em sua conferência nacional. O evento foi convocado para armar o conjunto da militância na nova situação da luta de classes, marcada pela Guerra na Ucrânia e pela canalização para a via eleitoral do movimento pela derrubada do governo Bolsonaro.

Guerra de Classes

Uma primeira exposição política foi apresentada por Fred Weston, representante do Secretariado Internacional da Corrente Marxista Internacional (CMI). A primeira ideia frisada foi a de que vivemos em tempos turbulentos. Esse traço da situação se manifesta pela mudança no estado de confiança da classe dominante. Há 30 anos, os porta-vozes da burguesia declaravam que o “mercado triunfou” e a “história acabou”. Hoje estão pessimistas sobre o presente e o futuro, e alguns de seus jornais anunciam em manchetes de capa: “CLASS WAR” (“Guerra de Classes”).

Acontece que essa mesma variação de percepção se observa também nas amplas massas pelo mundo. A mobilização das mulheres nos últimos anos foi citada por Fred como um exemplo, com sua atividade pelo direito ao aborto e contra diversas formas da violência machista sofrida cotidianamente. Outro caso representativo trazido à discussão foi a maior greve dos ferroviários britânicos dos últimos 30 anos, assistida com ansiedade por diversos outros setores do movimento operário que têm se radicalizado.

O ponto em comum sob o qual mobilizações têm se realizado é o da inflação. Esse tem sido o ponto de concentração no momento das enormes contradições econômicas e sociais do capitalismo. Porém, Fred também explicou que esse quadro de agravamento da crise é marcado por outras características. Uma dessas é a intensificação do conflito entre as frações da



burguesia internacional, como observado na Guerra da Ucrânia.

Como consequência, o sofrimento das massas vai se convertendo numa mudança do eixo de preocupações dos trabalhadores. Isso faz com que haja um aquecimento da luta de classes por todo o mundo capitalista, que cada vez mais se converte em processos de radicalização com expressões nas ruas, nas eleições e nos sindicatos. Essa conjuntura se conecta diretamente com a instabilidade política experimentada pelos governos burgueses de todo o mundo.

Já a situação brasileira foi analisada pela conferência a partir da análise exposta pelo Secretário Geral da Esquerda Marxista, Serge Goulart. O camarada explicou que a crise do capitalismo brasileiro se trata da continuidade da crise internacional. A primeira consequência enfatizada por Serge foi uma profunda desagregação política e social na sociedade, expressão da marcha para a barbárie em que se converteu a promessa de esperança dos governos capitalistas sobre seu regime social.

A situação se agrava pela orientação política de colaboração de classes praticada pelas organizações que dirigem a maioria dos setores organizados da classe trabalhadora.

Serge definiu em sua análise de perspectivas as eleições de outubro e sua preparação como o próximo grande momento da luta de classes no Brasil. Como apontam todas as pesquisas de opinião, os

trabalhadores com consciência de classe tentarão utilizar a candidatura de Lula para derrotar o governo reacionário de Bolsonaro. Nessa situação, a Esquerda Marxista intervirá atuando pela frente única para derrotar Bolsonaro chamando voto em Lula. Porém, a base desse voto será a plataforma da própria Esquerda Marxista, expressa por seus candidatos e por comitês eleitorais onde não tiver postulantes.

O sofrimento das massas vai se convertendo numa mudança do eixo de preocupações dos trabalhadores. Isso faz com que haja um aquecimento da luta de classes

Fábricas Ocupadas

Os militantes reunidos na conferência também discutiram e aprovaram uma resolução sobre o aniversário de 20 anos de surgimento do Movimento das Fábricas Ocupadas. Essa iniciativa foi impulsionada por militantes da Esquerda Marxista a partir das greves de 2002, seguidas da ocupação por parte dos trabalhadores, das fábricas Cipla e Interfibra, na cidade de Joinville (SC).

A Esquerda Marxista foi a única organização do Brasil a ocupar fábricas, mantê-las funcionando sem patrões e combater por sua estatização sob o controle

dos próprios trabalhadores. Essa experiência foi protagonizada contra a vontade do próprio governo Lula, que à época declarou que a estatização “estava fora do cardápio”. Foi com a chancela da direção do PT e da CUT que a Polícia Federal interrompeu esse combate com 150 homens armados. Os trabalhadores foram expulsos da Cipla e da Interfibra sob ordem judicial e o movimento foi acusado pela revista Veja de ser o MST das fábricas.

Resgatar e difundir essa história significa também esclarecer os trabalhadores e jovens sobre o que é preciso fazer no presente.

Necessidade de partidos operários de massas e de uma Internacional

O debate sobre o Movimento das Fábricas Ocupadas também recordou a aproximação entre a Esquerda Marxista e a Corrente Marxista Internacional. Foi por meio do contato na própria luta de classes que essas organizações se encontraram, ao ambas apoiarem e se relacionarem com o movimento de fábricas recuperadas experienciado na Venezuela durante o governo de Hugo Chávez.

Esse foi um exemplo concreto sobre como podem avançar os revolucionários em seu objetivo estratégico. Serge Goulart enfatizou em sua análise duas necessidades centrais da classe trabalhadora em escala mundial para o próximo período: 1) Construir verdadeiros partidos operários de massas; 2) Reconstruir uma verdadeira

internacional de massas. A solução desses problemas não pode ser alcançada autoproclamando-se organizações de massas e anunciando programas acabados. Impõe-se que a atual geração de lutadores passe pela difícil escola de suas próprias experiências na luta de classes, que uma atividade prática e teórica comum se estabeleça entre os marxistas e a vanguarda que assume uma atitude revolucionária frente à realidade.

A CMI se apresenta hoje nesse sentido para o movimento operário em todos os países que atua. Apesar de ter pequenas forças hoje, Fred Weston destacou que os marxistas têm a seu favor um olhar mais profundo do que a esquerda oficial e pequenas organizações radicais. Enquanto uns observam inércia e passividade, outros veem radicalismo e ímpeto revolucionário onde não há. Já os marxistas recorrem à dialética para observar a situação concreta em sua transformação, onde a classe sem movimentação política apresenta uma dinâmica. Porém, a partir do momento que se coloca em ação a mesma classe adquire outro caráter político. Toda essa mudança é intermediada por fenômenos e processos que precisam ser entendidos em seu devir, para possibilitar uma atuação de fato revolucionária dos ativistas e das organizações que se propõem a ajudar a classe trabalhadora.

A ausência de lideranças e partidos capazes de efetivar essa tarefa faz com que as consequências bárbaras da crise do capitalismo se apresentem como um processo de longa duração. Entretanto, as novas gerações têm a seu favor a disposição de lutar por uma vida diferente daquela que a burguesia lhe oferece. Esses jovens querem entender o mundo para melhor transformá-lo. Os marxistas são aqueles que podem fornecer essas explicações, são aqueles que podem responder o porquê.

MULHERES PELO SOCIALISMO

A luta pelo direito ao aborto no Brasil e EUA

| LESLIE LORETO

No último dia 24 de junho, a Suprema Corte do EUA derrubou a decisão judicial de 1973 conhecida como “*Roe versus Wade*”, que garantia o aborto legal às mulheres que quisessem realizá-lo nos EUA. *Roe versus Wade* tornava legal o aborto a partir do entendimento de que a decisão sobre o procedimento de interrupção da gravidez estaria enquadrada na décima quarta emenda da Constituição Federal dos EUA, que trata dos direitos de cidadania e proteção igualitária perante a lei.

É importante compreendermos, nesse sentido, que a prerrogativa de 1973 não estava ligada aos direitos reprodutivos das mulheres, mas sim à proteção da privacidade, entendendo-se que o Estado não teria o direito de acessar as decisões individuais. De forma distorcida pelos mecanismos burgueses do judiciário norte-americano e não através de um reconhecimento do direito ao aborto público e gratuito, era essa decisão que ga-

rantia às mulheres nos EUA a realização de um aborto seguro, em clínicas legais.

Dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) apontam que a maior parte das mulheres que procuram as clínicas de aborto são pobres, negras e latinas. Elas podem pleitear recursos de fundos federais e de organizações sem fins lucrativos para pagar pelo procedimento, nem sempre conseguindo, já que o atendimento nessas clínicas não é gratuito.

As maiores atingidas pela derrubada da decisão são obviamente as mulheres trabalhadores dos EUA. Porém, embora este seja um ataque particularmente flagrante contra as mulheres da classe trabalhadora, é fundamentalmente um ataque a todos os trabalhadores e a todos os direitos básicos. Absolutamente nada está garantido à maioria da classe trabalhadora se deixarmos nosso destino nas mãos da classe inimiga.

Um ataque contra um é um ataque contra todos!

Embora este seja um ataque particularmente flagrante contra as mulheres da classe trabalhadora, é um ataque a todos os trabalhadores e a todos os direitos básicos

A derrubada da decisão de 1973 foi tomada por uma corte de nove juizes não eleitos e cuja maioria é alinhada ao Partido Republicano. Foram 6 votos de juizes reacionários pela derrubada e 3 contras. Foi ocasionada a partir da contestação feita no estado de Mississippi ao caso, que tem como aliada a procuradora-geral republicana e herdeira de terras na região, Lynn Fitch, fiel representante da burguesia local.

Com a derrubada, devolve-se aos estados o poder de definir se permitem esse tipo de procedimento. Essa decisão faz parte de uma guerra cultural reacionária em um momento de grave crise econômica nos EUA. Demonstrando o caráter do Estado burguês, a Corte apela para os preconceitos existentes na sociedade e que são reavivados em momentos de crise. O rascunho da decisão foi vazado pela imprensa americana cerca de um mês atrás¹. Na ocasião, várias manifestações ocorreram.

Com a decisão a expectativa é que cerca de metade dos estados aprovem leis que dificultem o aborto ou o tornem proibido. Certamente essas leis não farão com que o aborto não seja mais praticado, mas dificultarão o procedimento ainda mais para as mulheres trabalhadoras, que não terão condições de deslocar-se até estados onde o

procedimento é autorizado. Corre-se risco também de diminuição dos fundos federais de ajuda financeira às mais pobres, já que o procedimento é pago e não existe um sistema nacional de saúde socializado

¹ Suprema Corte dos EUA ataca o direitos ao aborto – Os trabalhadores devem responder com luta de classes



nos EUA. Elas então terão que escolher entre o risco de morrer submetendo-se a procedimentos clandestinos ou ter filhos não planejados em um país que – assim como o sistema capitalista em si – não tem nada a oferecer para a classe trabalhadora a não ser miséria e barbárie.

Nesse cenário também ficou explícita a postura hipócrita, supostamente progressista, do Partido Democrata e do atual presidente Joe Biden, que nada fizeram para barrar essa decisão, reduzindo-se a tecer declarações de lástima pela derrubada. O mesmo Biden era contrário à decisão do caso *Roe versus Wade* que abriu o precedente para a legalização do aborto, de acordo com declaração que deu em 1974, dizendo que havia-se chegado “longe demais”. Foi forçado agora a manifestar-se de forma diferente diante da decisão da corte, pressionado pela

classe trabalhadora e juventude que votou nele contra Trump.

Em decorrência da decisão, inúmeros atos foram realizados em diversas cidades dos EUA e estes poderiam se tornar um importante alavanca para a luta de classes no país. Ocorreram manifestações na Califórnia e no Colorado no mesmo dia do anúncio da derrubada. Pesquisa realizada pelo *Pew Research Center* aponta que 60% da população norte-americana defende que o aborto deveria ser legal em todos ou na maior parte dos casos. Esse retrocesso nos EUA é um exemplo de que no capitalismo toda conquista da classe trabalhadora está constantemente sob ataque.

Pesquisas realizadas nos EUA indicam que o país tem um altíssimo índice de morte durante o parto, de 17 a cada 100 mil, enquanto os índices de morte durante um procedimento seguro e legal de aborto é de cerca de 0,4 a cada 100 mil procedi-

mentos. Esses números demonstram de que forma as mulheres e o ato de parir são tratados no coração do capitalismo e como a realização de um aborto legal e seguro pode salvar vidas.

No Brasil recentemente vimos em Santa Catarina o caso de uma criança de 11 anos, vítima de estupro aos 10 anos, que descobriu a gravidez com 22 semanas e tentou realizar o aborto legal. A criança e sua família foram levadas de uma instância a outra até chegar às 29 semanas de gravidez sem conseguir realizar o procedimento. Tudo por conta, num primeiro momento, da atitude do Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago, ligado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que se recusou a fazer o aborto por uma decisão institucional interna de não realizar a interrupção da gravidez após as 20 semanas. A isso seguiu-se a ação da juíza reacionária Joana Ribeiro Zimmer, que colocou a criança em um

abrigo por mais de um mês para inviabilizar o procedimento legal. A juíza chegou à crueldade de perguntar em audiência para a criança se esta suportaria manter a gravidez por mais algumas semanas, para que dessa forma o feto pudesse ficar mais maduro e assim ser encaminhado à adoção.

O aborto legal é permitido no Brasil de forma pública e gratuita para casos de estupro e risco de morte da mãe. É permitida também a interrupção da gravidez para o caso de feto anencéfalo. Não há, no entanto, indicação de limite de tempo da gestação para realização do aborto em caso de estupro e nem a necessidade de um parecer de



um juiz para tal, como foi pedido pelo Hospital Universitário.

Esse assunto mostra a moral burguesa presente em instâncias da saúde, a barbárie do sistema judiciário no Brasil e, por consequência, do sistema capitalista que ele sustenta. A juíza brasileira através de sua ação comete violações psicológicas à criança e à sua família e descumpra a própria lei que autoriza a realização do aborto em caso de estupro. Ao mesmo tempo coloca sua moral acima do direito reprodutivo assegurado a essa criança, tendo em vista que ela advoga pela manutenção de uma gravidez fruto de uma violência para que assim possa encaminhar crianças para adoção, uma reivindicação e procedimento de muitos grupos católicos e reacionários contrários ao direito ao aborto.

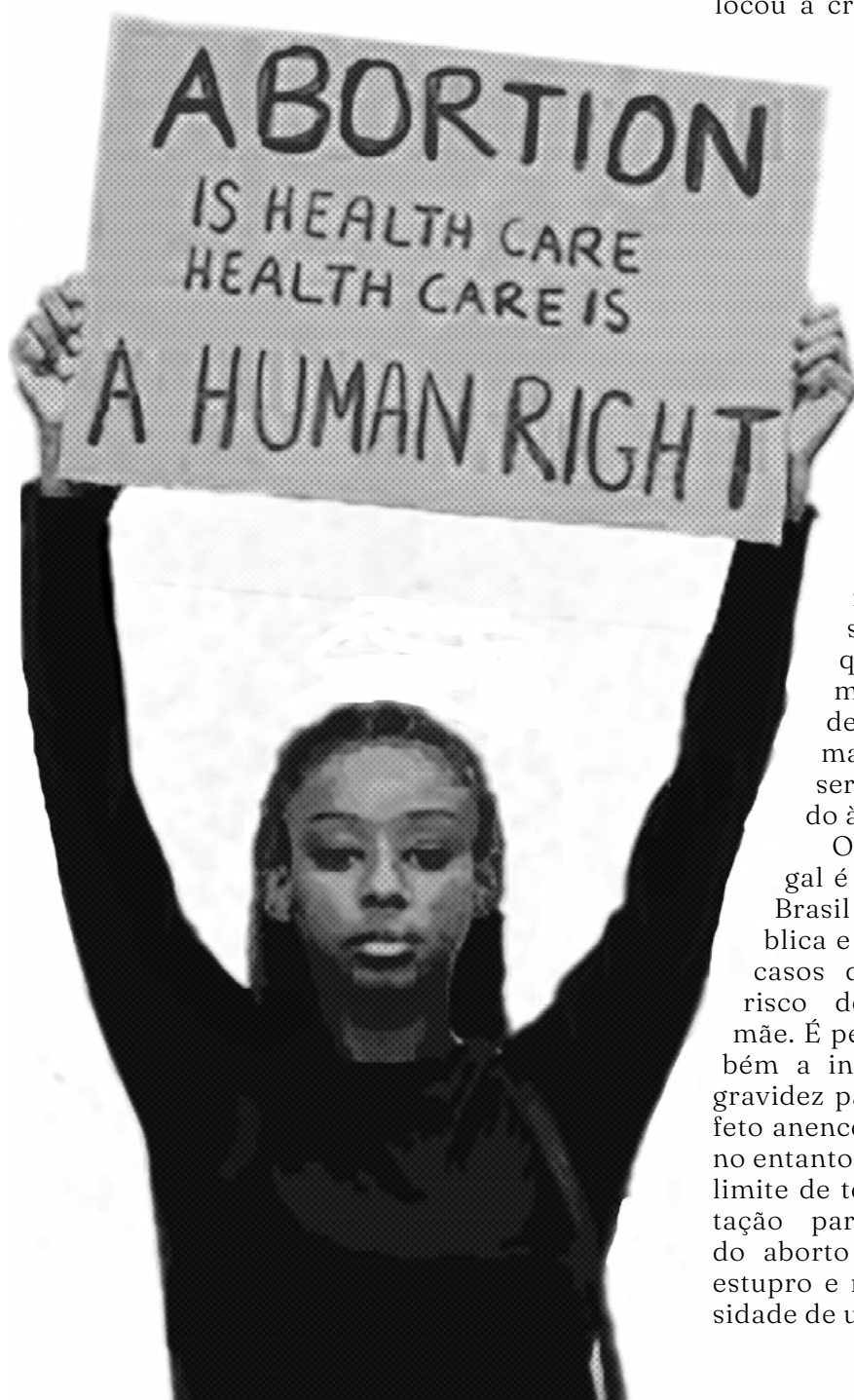
Em pesquisa realizada pelo jornal O Globo com deputadas e senadoras em relação à legalização do aborto vemos que 44 delas são contra e apenas 15 são a favor, sendo 4 sem posição. Isso mostra como é uma falácia a discussão de que devemos ter mais mulheres assumindo cargos parlamentares para supostamente aumentar os direitos da mulher, pois mascara a discussão do programa ao qual essas parlamentares estão ligadas. A grande maioria das mulheres eleitas são atreladas aos partidos e ideais burgueses e nada têm a contribuir com a luta da mulher trabalhado-

ra. Ao contrário, jogam um papel de massacre da nossa existência se revestindo de um verniz “feminino”.

Assim como nos EUA, após a derrubada do *Roe versus Wade* pela Suprema Corte, a situação daqui não é das melhores. O governo Bolsonaro acentua o caráter burguês do Judiciário e a garantia mínima dos direitos das mulheres que foram conquistados com duras lutas está ameaçada.

Não acreditamos que o direito ao nosso próprio corpo deva depender de juízes, tribunais ou mesmo de mulheres burguesas no parlamento. Tampouco deve depender da interpretação subjetiva de uma lei. O Mulheres Pelo Socialismo luta pelo direito pleno ao aborto público e gratuito, em condições seguras e em hospitais que componham o sistema público de saúde. Para as mulheres norte-americanas, diante desse enorme retrocesso após a derrubada do direito ao aborto, há a tarefa de construir um partido da nossa classe, sem ilusões nos democratas e na democracia burguesa dos EUA. É necessário que possuam acesso universal a esse serviço em hospitais que façam parte de um sistema nacional de saúde socializado.

Lá, assim como no Brasil e em todos os países, é preciso nos organizarmos em luta, com independência de classe e com o firme propósito de derrubar esse sistema e construir uma nova sociedade na qual sejamos de fato livres.



VIDA DA CMI

PARTICIPE DA UNIVERSIDADE MARXISTA INTERNACIONAL



Faltando alguns dias para a sua realização, a Universidade Marxista Internacional já conta com mais de 3,8 mil pessoas inscritas de nada menos que 110 países.

O mundo está em um período de profunda crise. O capitalismo e seus apologistas mostraram-se incapazes de explicar ou resolver os problemas enfrentados pela classe trabalhadora em todos os lugares. Somente as ideias do marxismo oferecem uma explicação e uma saída. É por esta razão que a Corrente Marxista Internacional (CMI) está organizando este evento online, de 23 a 26 de julho, dedicado a discutir as ideias centrais da teoria marxista e como podemos usá-las para mudar o mundo.

Revolucionários de todo o mundo se reunirão on-line para 15 palestras sobre tópicos que abrangem os três pilares

da teoria marxista: a filosofia revolucionária do materialismo dialético, os escritos econômicos de Marx sobre as contradições do capitalismo e a abordagem marxista da história, o materialismo histórico.

O marxismo é muitas vezes menosprezado por seus inimigos (que evidentemente não tiveram tempo para entendê-lo) por seu suposto “reduccionismo econômico”. Alega-se que os marxistas reduzem todo o desenvolvimento político e social à pura economia – da ascensão dos impérios às tendências da arte. Esta caricatura do marxismo não tem nada em comum com o artigo genuíno. É apenas um espantinho que seus inimigos erguem para derubá-lo com facilidade.

É claro que o marxismo tem muito a dizer sobre economia. Os marxistas entendem o

capitalismo muito melhor do que os próprios capitalistas. Como Niklas Albin Svensson mostrará em “Competição, Monopólio e Planificação: O Mercado vs Socialismo”, enquanto os apologistas do capitalismo inventam contos de fadas sobre a “livre concorrência”, os marxistas há muito tempo explicaram como a competição inevitavelmente leva ao monopólio, que por sua vez define o palco para a economia planificada socialista.

Mas o marxismo também tem muito a dizer sobre todos os outros campos da atividade humana e da natureza. Em “Opressão, Herança, Propriedade Privada: Marxismo e a Família”, Fred Weston discutirá como os revolucionários podem lutar para acabar não apenas com a exploração econômica, mas com todas as formas de

opressão. Fred vai explorar como passamos de relações igualitárias entre homens e mulheres para a sociedade de classes, com a opressão das mulheres e a estrutura familiar nuclear. É vital que os revolucionários compreendam esses desenvolvimentos históricos para descobrir como podemos retornar a relações igualitárias genuínas entre humanos.

Em “A Revolução Permanente na Europa: 1848”, Josh Holroyd discutirá um dos anos mais revolucionários da história, com a revolução se espalhando por toda a Europa, marcando um importante desenvolvimento na luta de classes. As conquistas democráticas conquistadas foram destruídas em contrarrevoluções subsequentes, ajudando Marx e Engels a aperfeiçoar sua compreensão das revoluções socialistas como um

meio de mudar permanentemente a sociedade. Até hoje, essa continua sendo uma lição crucial para os revolucionários entenderem, já que a classe dominante – em sua eterna busca por lucros – destrói as conquistas democráticas básicas do passado. Devemos compreender que 1848 não foi um ano apenas crucial na história europeia e mundial, mas cujos eventos são fundamentais para entender a gênese do marxismo.

Em uma sessão muito especial com Alan Woods sobre “Arte e Marxismo”, veremos o que o marxismo tem a dizer sobre como homens e mulheres satisfazem não apenas suas necessidades materiais, mas também espirituais e estéticas.

Para entender o desenvolvimento da sociedade até os dias de hoje e como o atual sistema capitalista pode pode

CONFIRA ALGUNS TEMAS QUE SERÃO DEBATIDOS NA UMI:



ser derrubado, devemos olhar além das questões básicas sobre a classe trabalhadora.

Um mundo desprovido de arte, música, cor, cinema, literatura e assim por diante reduziria a existência humana a uma tristeza insuportável. O papel da cultura na sociedade é primordial para compreender o alcance da luta por uma existência melhor para a humanidade. Isso anda de mãos dadas com a luta contra o sistema capitalista degenerado, no qual a arte é privilégio de uns poucos privilegiados, e a grande maioria é excluída da participação ativa na cultura, alimentada com um mingau ralo de "cultura" degradante, maçante e derivativa.

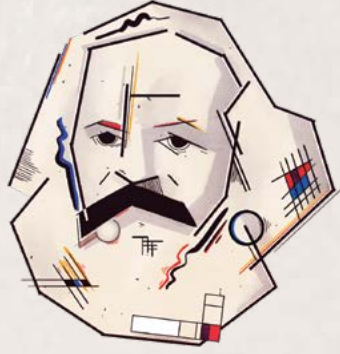
Os marxistas lutam por um mundo em que todo o potencial criativo da humanidade seja liberado, de modo que, como escreve Trotsky, o homem exceda infinitamente todas as realizações artísticas e culturais do passado.

Inscreeva-se na Universidade Marxista Internacional!

Esta será uma ocasião verdadeiramente internacional, em que as sessões serão traduzidas simultaneamente em vários idiomas, incluindo espanhol, francês, alemão, italiano, português, urdu, chinês e árabe. Cerca de 6 mil pessoas participaram de nossa última Uni-

versidade Marxista Internacional em 2020. Prevemos outro grande evento, dados os dramáticos eventos que se desenrolaram diante de nós nos dois anos seguintes.

Jovens e trabalhadores do Brasil, Argentina, Venezuela, Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, França, Alemanha, África do Sul, Paquistão e de centenas de outros países já confirmaram sua presença e participam de campanhas e atividades para atrair novos inscritos. Em um mundo que pode parecer cada vez mais confuso e caótico, nunca houve um momento melhor para estudar as ideias revolucionárias do socialismo científico. A tarefa central não é apenas entender o mundo, mas transformá-lo! Este festival imperdível de quatro dias promete ser um evento como nenhum outro.



UNIVERSIDADE MARXISTA INTERNACIONAL

23 A 26 DE JULHO

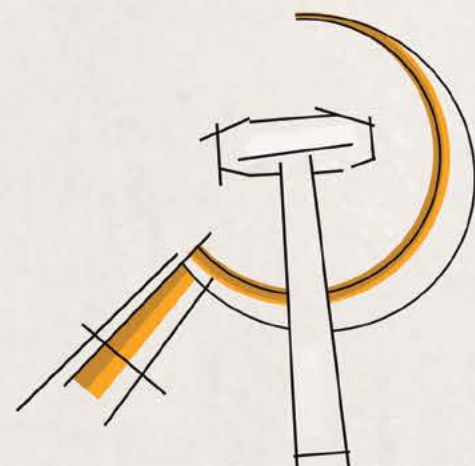
INSCREVA-SE:



UTILIZE O QR CODE
OU ACESSE WWW.MARXISMO.ORG.BR/UNIVERSIDADE



ACESSE MARXISMO.ORG.BR/UNIVERSIDADE E VEJA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA!



SINDICAL

A PRIVATIZAÇÃO DA CPTM E AS LUTAS DOS FERROVIÁRIOS

| LUCAS DAMETTO

A crise capitalista e as privatizações

O aprofundamento da crise capitalista tem levado a uma ofensiva generalizada da burguesia sobre os direitos e conquistas dos trabalhadores ao redor do globo.

Reformas trabalhistas e da previdência, assim como a privatização do patrimônio público não se limitam ao Brasil e tem uma ligação indissolúvel entre si: trata-se de mecanismos através dos quais a burguesia concentra capital, não através da geração de novas riquezas – visto a gravidade da crise econômica em que o

mundo foi mais uma vez jogado – mas pelo aumento da exploração das massas trabalhadoras, uma concentração cada vez maior da riqueza social já produzida.

É a mola propulsora por trás do processo de concentração de riqueza que temos observado no último período e que foi acelerado com a pandemia, que amplifica todas as mazelas produzidas por esse sistema irracional que repousa sobre a exploração da imensa maioria.

E é nesse contexto que se insere a recente privatização das linhas 8 e 9 da CPTM. O governo João Doria (PSDB) nunca escondeu o caráter de classe de seu governo, a privatização

das empresas públicas sempre foi um destaque de sua campanha. Notório foi o apoio do governo estadual aos grandes grupos empresariais, em especial à CCR, antiga Companhia de Concessões Rodoviárias, no segmento do transporte público. Já destacamos em outro artigo¹ do nosso site como as privatizações servem apenas à acumulação de capital da burguesia, que se apropria de algo construído com a riqueza produzida pelos trabalhadores, mas gerido pelo Estado e que depois é entregue aos burgueses. Vale destacar aqui que, no caso específico da CCR,

o grupo recebeu cerca de R\$ 1 bilhão do governo do estado no mês anterior ao leilão sob a forma de repasses contratuais, e ainda venceu o leilão com uma oferta de R\$ 980 milhões, aqui vemos como seguem atuais as palavras do Manifesto Comunista sobre como o “Estado não é mais que o balcão de negócios da burguesia”.

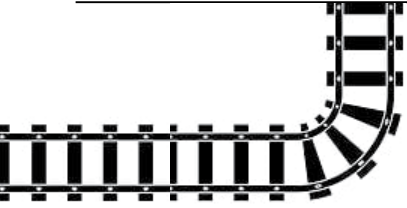
Por transporte público, gratuito e para todos

Como foi dito, a crise do capital lança a burguesia em uma grande ofensiva sobre os trabalhadores, buscando abocanhar uma parte maior

da riqueza produzida e a privatização é uma de suas ferramentas. Ao pagar uma tarifa para usufruir do que deveria ser um direito, parte do salário do usuário do transporte volta aos bolsos dos capitalistas, outra parte lhe é subtraída novamente quando o Estado, fiel representante dos interesses dos capitalistas, lhe cobra impostos sob o pretexto de garantir o acesso a serviços universais, mas na prática repassa ao capitalista. Não satisfeito com a obra de seu antecessor, o atual governador, Rodrigo Garcia (DEM), resolveu, além de conceder as linhas por dinheiro do próprio estado, anunciar um



¹ Privatização a serviço de quem?



pacote de ajuda via empréstimo de funcionários da CPTM e da compra de peças pela empresa pública para ser repassada à empresa privada!

Existe uma grande contradição entre os anseios da base e as suas direções. Na ferrovia isso se traduz hoje no movimento que levou à criação do Comitê de Luta Contra a Privatização da CPTM.

Esse suplemento extra de riqueza, recebida via Estado, se junta à riqueza extraída dos próprios trabalhadores empregados por eles e se distribui na forma de investimentos pelo restante da classe capitalista. Não apenas isso, como a maior parte dessa riqueza é apropriada pelo capital financeiro internacional. Sendo o Grupo CCR uma empresa de capital aberto, a maior parte de suas ações é internacional, evidenciando assim tanto o papel dependente e servil da burguesia nacional frente ao capital financeiro, como também estabelece as bases objetivas da luta internacional do proletariado. Passando do caso individual do trabalhador que tem que pagar passagem para usar o transporte e ampliando nosso quadro para esse fenômeno de larga escala, vemos que a mercantilização dos direitos significa a transmissão de riquezas da classe trabalhadora para os capitalistas.

No caso da ferrovia temos observado de perto o que isso significa: a degradação das condições de trabalho dos operários da empresa privatizada e a queda com a qualidade do serviço prestado

ao passageiro, com um salto gigantesco no número de falhas desde o começo da operação pela CCR² e a exclusão daqueles que não podem pagar pelo serviço. Por tudo isso que os comunistas lutam: pela manutenção e ampliação de direitos fundamentais conquistados pelos trabalhadores e que o capitalismo busca destruir na busca pelo lucro. Ao modelo irracional que beneficia apenas uma parcela insignificante de parasitas, opomos a organização e gestão pelos trabalhadores.

A luta de classes é a única saída

A intensificação da luta de classes ao redor do mundo deixa claro que os trabalhadores e a juventude não estão dispostos a serem sacrificados no altar do capital. Os abalos podem ser sentidos ao redor do planeta, e, no entanto, ainda existe um imenso obstáculo a ser superado: a crise de direção do proletariado. Como já colocava o revolucionário russo Leon Trotsky, superar essa crise é condição fundamental para a superação definitiva desse sistema.

Na CPTM, por exemplo, existiam três sindicatos, e ainda assim a concessão das linhas passou sem qualquer luta séria. o Sindicato Sorocaba, representante das linhas 8 e 9, ativamente desmontou a luta e se recusou a sequer chamar uma assembleia! Enquanto que os demais (Ferroviários de São Paulo e Central do Brasil) apenas assistiram, “impotentes” diante de um pedaço de papel que garante ao outro sindicato o direito de representação perante o estado burguês. Assim, a categoria que sente os golpes da privatização de partes da empresa como um todo se vê impedida de lutar unida enquanto nossos inimigos de classe encastelados no estado burguês não nos reconhecerem o direito de lutar! Essa é a qualidade de dirigente que permeia as direções oficiais hoje em dia, e o leitor que já participou do movimento sindical certamente já teve contato com esse tipo de figura.

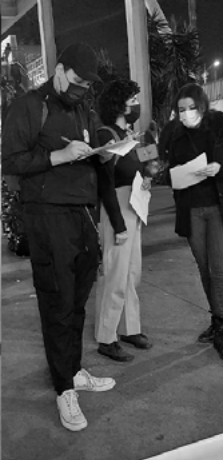
Existe, portanto, uma grande contradição entre os anseios da base e as suas direções. Na ferrovia isso se traduz hoje no movimento que levou à criação do Comitê de Luta Contra a Privatização da CPTM. Nascido do combate ombro a ombro dos militantes da Esquerda Marxista e dos ferroviários, ao longo de três anos, o comitê tem atuado em todos os momentos nas lutas mais importantes da categoria, construindo a greve de 2021 através do comando de greve⁵ e, agora, na luta pela revogação das concessões que abre as portas para o trabalho de aproximação entre os passageiros e os trabalhadores do transporte.

Os marxistas compreendem a importância das lutas parciais para a organização da classe trabalhadora, a elevação do nível de consciência política e a construção das novas lideranças do movimento assim como o teste das antigas. É apenas por meio da intervenção na luta de classes que poder ser superada a crise de direção.

Somos um grupo pequeno diante das nossas tarefas, é verdade, mas toda a experiência acumulada nos três anos de luta pelo comitê e a rica experiência acumulada pelo movimento operário em toda sua história nos dão uma confiança inabalável no potencial revolucionário, tanto da categoria dos ferroviários como do conjunto da classe trabalhadora. Ainda existem milhares a serem ganhos para esse combate e seguiremos construindo opondo à farsa da conciliação de classes dos reformistas a dura realidade da luta de classes, às tentativas de submeter a luta dos operários a tutela do estado burguês à defesa implacável da total independência política das organizações dos trabalhadores, dos sindicatos aos partidos.

Junte-se ao Comitê de Luta Contra a Privatização da CPTM na luta por um transporte público, sem tarifa e de qualidade!

Junte-se à Esquerda Marxista para construir o partido revolucionário da classe trabalhadora!





A ilusão do desenvolvimento capitalista e a necessidade da revolução

MICHEL GOULART
DA SILVA

Em discurso proferido depois de anunciada a sua vitória em segundo turno, o presidente eleito da Colômbia, Gustavo Petro, afirmou que “a propriedade privada não está em risco” e que quer “desenvolver o capitalismo na Colômbia, não porque o adore, mas porque a Colômbia está numa fase pré-modernidade, uma ainda feudal”. Essas afirmações expressam de forma clara a perspectiva política do futuro governo. Petro coloca no horizonte a manutenção da ordem burguesa, defendendo o capitalismo e, ao mesmo tempo, se dispondo a atacar os setores mais reacionários das classes dominantes. Para tanto, resgata no cenário político contemporâneo imagens e conceitos de outro momento, ressuscitando o combate aos resquícios feudais que tanto marcou o discurso de organizações e intelectuais stalinistas na América Latina ao longo do século 20. Esse conjunto de ideias, hoje enfraquecidas pelo fim da União Soviética, em décadas anteriores

s e r v i u

para que a esquerda reformista procurasse construir a aliança dos trabalhadores com a burguesia, em defesa da nação e do capitalismo.

Na base do discurso de Petro percebe-se a ideia de que, ainda que dentro das relações imperialistas, é possível a um país dominado tornar-se uma potência econômica, mesmo sem superar as relações de produção capitalistas. Contudo, conforme mostrado há mais de um século pela teoria da revolução permanente de Leon Trotsky, isso é impossível. Trotsky demonstrou que as classes dominantes dos países dominados, inseridos nas relações econômicas imperialistas, seriam incapazes de liderar um processo de transformação da sociedade, como havia feito a burguesia na Europa e nos Estados Unidos nos séculos 17 e 18. Em setembro de 1938, Trotsky afirmava

que as burguesias dos países dominados:

“não podem lançar uma luta séria contra a dominação imperialista e por uma autêntica independência nacional por temerem desencadear um movimento de massas dos trabalhadores do país, que por sua vez ameaçariam sua própria existência social” (Leon Trotsky, “A política de Roosevelt na América Latina”, setembro de 1938).

Petro levanta a ideia de que, ainda que dentro das relações imperialistas, é possível a um país dominado tornar-se uma potência econômica

Essa impossibilidade não tem como base um problema moral ou subjetivo da burguesia, mas questões objetivas. Essas burguesias dos países dominados se constituíram enquanto classes dominantes no cenário de desenvolvimento do imperialismo. Esse processo significou

a inserção de uma economia atrasada, em sua maioria baseada na produção e comercialização de produtos não industrializados, dentro de um cenário de fortalecimento de monopólios e do capital financeiro centrados em países com um desenvolvimento econômico muito mais avançado. Portanto, as classes dominantes dos países dominados se lançavam em um cenário no qual as antigas potências coloniais davam um salto de qualidade na exploração das riquezas e do trabalho em todo o planeta, numa nova e superior fase do capitalismo. Essa relação entre os países dominantes e dominados nos remete a outra formulação teórica de Trotsky, o desenvolvimento desigual e combinado:

“A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do processo histórico, evidencia-se com maior vigor e complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a vida retardatária vê-se na con-

tingência de avançar aos saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, por falta de denominação apropriada, chamaremos de lei do desenvolvimento combinado, que significa aproximação das diversas etapas, combinação das fases diferenciadas, amálgama das formas arcaicas com as modernas” (Leon Trotsky, “História da Revolução Russa”).

Diante dessa particularidade de seu desenvolvimento, a única possibilidade teórica para a libertação nacional passa pela ruptura com o imperialismo e pela tentativa de desenvolver suas relações econômicas internas construindo parcerias com outras nações que tenham perspectivas políticas semelhantes. Contudo, essa perspectiva é uma ilusão, como mostram os limites de experiências como a dos não-alinhados na década de 1950 ou a ALBA chavista. Caso não haja a superação do capitalismo, essa perspectiva é impossível, conforme mostra, por exemplo, a degeneração das direções que enca-

Gustavo Petro, novo presidente da Colômbia





INTERNACIONAL

Confira as principais análises da Corrente Marxista Internacional (CMI) em www.marxist.com

beçaram os processos de independência na África. Essa ilusão nacionalista sequer é compartilhada por Gustavo Petro, conforme afirmou:

“Proponho ao governo dos Estados Unidos e a todos os governos das Américas que nos reunamos num diálogo para estabelecer os passos da transição energética, os passos da construção de uma economia descarbonizada, os passos da construção de uma economia da vida em toda a América”.

O desenvolvimento econômico de qualquer país está atrelado aos interesses do imperialismo, que pode inclusive permitir (ou não) o desenvolvimento de setores da indústria em algumas regiões de seu interesse. Um país dominado pode fazer parte da cadeia produtiva em âmbito internacional, produzindo, por exemplo, peças mecânicas ou componentes elétricos. Contudo, nunca poderá dominar plenamente a tecnologia empregada e muito menos será o centro da produção internacional, papel reservado aos países imperialistas. Cabe ao imperialismo delimitar o que será permitido aos países dominados conhecer ou mesmo produzir.

Nesse cenário, mostra-se como uma afronta aos monopólios qualquer tentativa da burguesia dos países dominados, ainda que tímida, de priorizar o desenvolvimento econômico ao invés dos interesses imperialistas. Na América Latina, durante a primeira década do século 21, um conjunto de governos esboçou tímidas perspectivas nacionalistas, aproveitando em grande medida as possibilidades econômicas de venda de commodities e se sustentando nas mobilizações dos trabalhadores. Esses governos expressaram, nos limites da institucionalidade, as lutas ocorridas em países como Argentina, Bolívia e Equador, entre 2000 e 2001. Soma-se a esses países as experiências de governos em países como Brasil, Chile, Uruguai e Venezuela.

Contudo, nenhum dos governos que assumiram a gestão do capitalismo



propriedade privada ou mesmo a ruptura de suas relações com o imperialismo. Nesse sentido, apontava Trotsky:

“Para os países de desenvolvimento burguês atrasado e, em particular, para os países coloniais e semicoloniais, a teoria da revolução permanente significa que a resolução íntegra e efetiva das suas tarefas democráticas e de libertação nacional somente pode ser concebida por meio da ditadura do proletariado, que se coloca à cabeça da nação oprimida e, primeiro de tudo, das suas massas camponesas” (Leon Trotsky, “O que é a revolução permanente?”, novembro de 1930).

Nesse sentido, as promessas de Gustavo Petro não podem se concretizar, afinal não é possível desenvolver a economia mantendo intacta a propriedade privada e as relações com o imperialismo. Além disso, sem a mobilização permanente dos trabalhadores e a construção de organismos de duplo poder, não é possível avançar para além de um tímido nacionalismo estatal que, diante das pressões do capital financeiro, ficaria estagnado e seria sufocado pela pressão dos países imperialistas. Somente a mobilização e a organização independente dos trabalhadores pode transformar a sociedade, na luta pela construção do partido revolucionário e da internacional operária, colocando no horizonte o socialismo.

nesses países colocou no horizonte a expropriação da propriedade privada ou a superação do capitalismo. Pelo contrário, procuraram controlar as massas, esvaziando ou mesmo enfraquecendo suas mobilizações e prometendo que as melhorias nas condições de vida da população seriam garantidas pelo Estado. Mas até mesmo essas modestas medidas foram combatidas pelo imperialismo, que procurou cooptar ou mesmo enfraquecer esses governos.

Poucos deles avançaram em medidas que de fato trouxeram algumas melhorias à vida dos trabalhadores, como Chávez na Venezuela, que, no entanto, sofreu com a hostilidade do imperialismo e permanentes tentativas de golpes. Ao não romper com o capitalismo esses governos enfraqueceram qualquer possibilidade de transformação da sociedade, levando seus governos ao colapso ou a profundas crises. Cabe lembrar uma lição dos trotskistas brasileiros, em documento publicado em 1935, quando afirmava:

“A luta contra o imperialismo tem de ser, pois, a luta contra todo o regime capitalista”. O documento segue apontando: *“O imperialismo é uma tendên-*

cia inata ao capitalismo e que com ele se desenvolve. É pois, impossível, extinguir o imperialismo sem destruir o capitalismo, abolir a propriedade privada dos meios de produção” (Liga Comunista Internacionalista, “A Luta Contra o Imperialismo”, abril de 1935).

Essa compreensão teórica e o balanço histórico mostram que as direções burguesas, ainda que apresentem uma retórica nacionalista, são incapazes de dirigir o processo de transformação da sociedade. Os raros casos que se dispõem a isso são barrados pelas pressões do imperialismo. Essa realidade

aponta para a necessidade da organização independente dos trabalhadores, fundamental para garantir que qualquer processo de transformação não se limite ao desenvolvimento do capitalismo ou à melhoria das condições imediatas. Os trabalhadores, para realmente mudar sua condição concreta de vida, devem colocar no horizonte a luta pela ruptura com a exploração econômica e a construção de uma sociedade socialista. Nenhuma burguesia, que obviamente sempre prioriza a manutenção da sua condição de classe, defende a expropriação da



Paro Nacional na Colômbia, 2021



Equador: lições da greve nacional de junho de 2022

JORGE MARTÍN E
FERNANDO LEAL

A grande greve nacional convocada pela Conaie e outras organizações camponesas-indígenas do Equador terminou em 30 de junho, após 18 dias de luta, com a assinatura de um acordo contendo importantes concessões do governo. É preciso analisar esse extraordinário movimento, que enfrentou a brutal repressão policial, e tirar as lições necessárias para continuar avançando.

Os principais pontos do acordo (que pode ser lido abaixo) assinado entre o governo e os dirigentes da Conaie são: suspensão do estado de emergência, redução do preço do galão de gasolina e diesel em 15 centavos, proibição da mineração em áreas protegidas e territórios ancestrais, bem como em zonas arqueológicas e de proteção hídrica, apoio ao sistema de saúde para entrega imediata de medicamentos e suprimentos a hospitais e centros de saúde, aumento do bônus de desenvolvimento humano de US\$50 para US\$55 e subsídio aos fertilizantes.

O acordo só foi alcançado depois que o governo inicialmente interrompeu as negociações. O presidente banqueiro Lasso ha-



A classe trabalhadora protesta nas ruas do Equador

via sobrevivido à moção de censura votada na Assembleia Nacional em 28 de junho. Os deputados de direita (BAN e PSC) se uniram para salvar o presidente, que representa seus interesses de classe. Cnicamente, Lasso emitiu novamente um decreto de estado de emergência, que havia levantado durante o debate sobre a moção, em várias províncias. Sentindo-se mais forte após a votação, ele queria esmagar o movimento por meio da repressão.

No mesmo dia, o

presidente anunciou o fim do diálogo com as organizações de massa e destituiu o porta-voz da Conaie, Leonidas Iza, como interlocutor legítimo. A desculpa: um confronto na noite de 27 de junho entre manifestantes e um comboio de combustível escoltado pelo exército na província de Sucumbíos, que deixou um soldado morto. Ao contrário da versão dos acontecimentos do governo, foram os soldados que abriram fogo e provocaram o confronto.

No entanto, apesar das bravatas de Lasso, o governo não estava em posição de força e foi rapidamente forçado a voltar à mesa de negociações, embora o presidente nunca tenha participado diretamente das negociações.

A Igreja, representada pela Conferência Episcopal, veio em auxílio do Estado burguês convocando uma mesa de negociação e participará

do acompanhamento do acordo e da resolução de pendências por meio de uma chamada “mesa técnica”.

Havia o risco de que a greve nacional começasse a mostrar sinais de fadiga após 18 dias de combates, seis mortos e centenas de feridos, para não mencionar milhares de pessoas deslocadas para a capital de suas províncias de origem. Se o movimento não conseguisse dar um passo qualitativo à frente, poderia começar a retroceder e ser forçado a assinar condições piores ou voltar para casa sem nada. Em 30 de junho, a direção decidiu assinar o Ato de Paz que incluía uma parte substancial dos 10 pontos da plataforma nacional de greve.

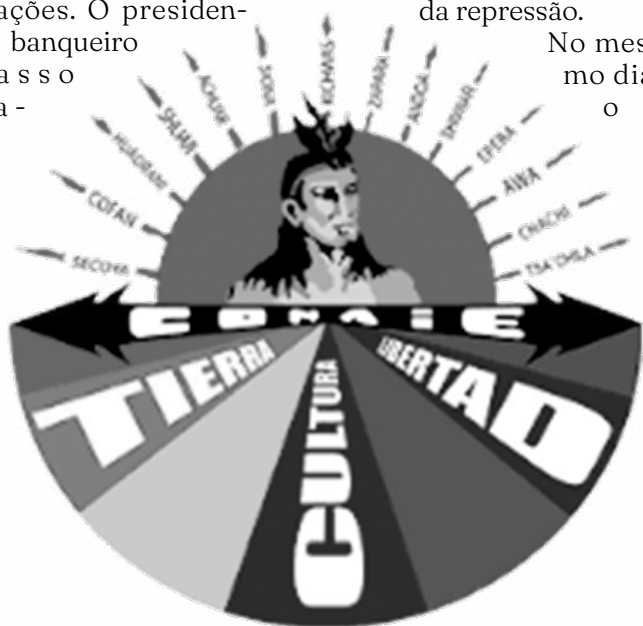
O que isso significa?

Nesses 18 dias, o movimento teve que enfrentar a brutal repressão do Estado, que começou com a prisão de seu principal líder,

Leonidas Iza, no primeiro dia. Como observado, a repressão policial e do exército deixou seis manifestantes mortos e centenas de feridos. Além disso, houve uma campanha de criminalização e racismo contra o movimento pela mídia e por porta-vozes oficiais do regime. Mas nem a repressão, nem a propaganda romperam a greve nacional, que continuou inabalável e cresceu em força com o passar dos dias.

O ato que selou o fim da greve contém importantes concessões ao movimento. Portanto, pode ser considerado como uma vitória. Uma vitória parcial, mas ainda assim uma vitória, ao contrário de outubro de 2019. O próprio Leonidas Iza destacou que o acordo deixou um “gosto agridoce” e que o mesmo “certamente não estava nos termos que queríamos”.

Mas é importante destacar que a conclusão a



que milhões chegaram é que a luta é útil e necessária. A greve fortaleceu as estruturas do movimento de massas, não apenas do movimento indígena-camponês, mas também da juventude estudantil e da classe trabalhadora e dos bairros pobres de Quito.

Corretamente, Leonidas Iza destacou o caráter de classe do movimento, também em resposta aos ataques racistas da mídia burguesa que os acusava de serem “*indios vândalos*”. Ele disse: “*Essa luta não tem cor porque é dos runas [indígenas], dos brancos, dos mestiços, dos cholos, dos montúbios, dos afros, de todos nós que estamos arruinados economicamente*”.

Embora a greve tenha contado com a participação e apoio de milhares de pessoas nas cidades, e tenha sido massivamente apoiada pela juventude estudantil, a classe trabalhadora organizada esteve em grande parte ausente. O sindicato FUT sequer convocou uma greve geral dos trabalhadores. Essa foi uma grande fraqueza do movimento.

Esta greve nacional, como a de outubro de 2019, adquiriu algumas características insurrecionais, com a tomada de dois governos regionais pelo povo, a destruição de várias delegacias de polícia etc., mas talvez não tenha sido tão avançada quanto em 2019. Ao contrário de então, desta vez não houve nenhuma tentativa de instalar uma Assembleia Popular como um órgão que representasse o duplo poder.

Essa foi outra limitação importante na estratégia nacional de greve. A direção não tinha uma perspectiva revolucionária e resistiu com toda a sua autoridade à palavra de ordem “Fora Lasso” que as massas nas ruas gritavam. Eles insistiram que a luta não era para derrubar o presidente, mas apenas pelos 10 pontos das reivindicações da greve. Essa atitude de não levantar a questão do poder provocou uma resposta irada da base em algumas assembleias e também está

em contradição com a análise geral que Leonidas Iza faz em seu livro “Rebelión” sobre outubro de 2019.

No entanto, a direção da Conaie e de outras organizações envolvidas na greve mostrou coragem, enfrentou a repressão, manteve a unidade do movimento e, finalmente e acima de tudo, conseguiu um acordo que continha importantes concessões. Sua autoridade e particularmente a de Leonidas Iza, que representa a ala esquerda da Conaie, sai da greve nacional enormemente fortalecida.

Leonidas Iza participou em todos os momentos das assembleias na Universidade Central do Equador, na Casa da Cultura e sem dúvida foi o principal líder. Na véspera do acordo, ele

É importante destacar que a conclusão a que milhões chegaram é que a luta é útil e necessária

consultou as bases sobre o que seria discutido na mesa de negociações.

No dia da assinatura do acordo, quando as colunas da greve nacional se retiravam de Quito, foram muitas as manifestações de apoio a Leonidas Iza nas ruas. Ele se tornou um personagem importante no cenário político do Equador para o próximo período.

Ao contrário, a direita do movimento camponês-indígena, representada pela bancada parlamentar de Pachakutik, vacilou diante do debate sobre a moção de morte cruzada (que exigia a destituição do presidente da república, a dissolução do Congresso e a convocação de novas eleições). Eles acabaram votando a favor sob pressão da base, mesmo assim dois deles se abstiveram. A ala direita do movimento, portanto, sai enfraquecida e desacreditada.

O presidente Guillermo Lasso, que entrou na greve com baixíssima popularidade, sai ainda mais enfraquecido. Esse governo só foi eleito por conta da política errônea do “voto nulo ideológico” de Pachakutik-Conaie no segundo turno das eleições. Não tem base sólida na po-

pulação e não tem maioria parlamentar própria. O problema para a classe dominante é que, por enquanto, isso é o melhor que eles têm.

As concessões contidas no documento não durarão muito, serão varridas pela maré da crise capitalista mundial, agravada em um país dominado como o Equador. Novos ataques serão lançados por um governo que não tem fundos e está sob o controle do FMI, preparando as condições para um novo movimento de massas. Além disso, assim que as massas mobilizadas retornarem às suas províncias, o Estado partirá para a ofensiva, criminalizando os líderes do movimento. O próprio Iza ainda está enfrentando acusações.

Poderia ter sido alcançado mais?

A resposta para a pergunta acima é sim e não. Nas condições dadas (18 dias de luta, certa erosão da iniciativa, sem perspectiva de derrubar o governo e sem a participação decisiva da classe trabalhadora nas cidades) ganhar mais teria sido difícil.

O que estava faltando? A participação decisiva do movimento operário e uma estratégia de tomada do poder por parte da direção. Em seu livro Rebelión, Iza levanta a necessidade de uma estratégia anticapitalista para tomar o poder e aponta que esse foi um dos fracassos da rebelião de outubro. Mas neste último movimento também faltava isso.

As massas camponesas, indígenas e populares demonstraram a maior coragem e disposição de luta, como o fizeram em inúmeras ocasiões nas últimas décadas. Mais uma vez confirma-se a necessidade de uma direção revolucionária, com uma estratégia clara de tomada do poder. É importante discutir as lições de outubro de 2019 e junho de 2022 para se preparar para as novas rebeliões que inevitavelmente estão sendo preparadas no Equador e além de suas fronteiras. /Tradução de Fabiano Leite.

Conaie



**18 DÍAS DE RESISTENCIA JUNIO 2022
LOGROS DEL PARO NACIONAL EN ECUADOR**

- ✓ **BAJÓ** el Diesel de **\$1,90 a \$1,75**, la Extra y Ecopaís de **\$2,55 a \$2,40**, es decir menos \$0,15 ctvs por galón. Entraremos en un **proceso de focalización** para los sectores que necesitan más subsidio: agricultores, campesinos, transportistas, pescadores y más.
- ✓ Derogado el Decreto 95, no se ampliará la frontera petrolera, para **proteger los territorios y los derechos colectivos de los pueblos indígenas**.
- ✓ Reformas al Decreto 151 con lo cual **no habrá minería en:**
 - Áreas protegidas y territorios ancestrales;
 - Zonas declaradas como intangibles;
 - Zonas arqueológicas;
 - Áreas de protección hídrica.
- Se garantizará la consulta previa, libre e informada de las comunas, comunidades, pueblos, y nacionalidades indígenas, considerando los estándares dictados por la CIDH y la Corte Constitucional ecuatoriana.
- ✓ Se fortalecen los **operativos y mecanismos de control de precios** en la especulación en el mercado de los productos de primera necesidad (Decreto 452).
- ✓ Se declara en **emergencia el sistema de salud pública**, para entregar inmediatamente medicina e insumos a los hospitales y centros de salud (Decreto 454).
- ✓ Con el Decreto 456:
 - El Bono de Desarrollo Humano subirá de USD 50 a USD 55, beneficiando a 1,4 millones de familias
 - Subsidio en 50% el precio de la urea para pequeños y medianos productores;
 - Reducción de la tasa de interés del 10% al 5% de Banecuador para créditos de hasta USD 3.000;
 - Los préstamos vencidos de hasta USD 3.000 serán condonados.
 - USD 100 millones más para créditos productivos, los cuales serán por hasta USD 20.000 a 10 años plazo y a 5% de interés anual.
- ✓ Se elaborará un proyecto de Ley reformativa al artículo 66 de la Ley Orgánica de la Circunscripción Territorial Especial Amazónica.

Durante 90 días se instalará una mesa técnica de diálogo para dar seguimiento de acuerdos y resolución de los temas pendientes de la agenda nacional de 10 puntos.

Por la contundencia del paro nacional Guillermo Lasso solo apareció en cadenas de televisión y nunca se sentó en la mesa de diálogo, sin embargo, su gobierno se vio obligado a responder al pueblo.

**NO RENUNCIAMOS AL DERECHO A LA RESISTENCIA
SI NO CUMPLEN VOLVEREMOS MILLONES**

Pautas principais do acordo entre o Governo do Equador e a Conaie



INTERNACIONAL



Greve de ferroviários inflama a luta de classes na Grã-Bretanha

| FELIPE LIBÓRIO

Nos dias 21, 23 e 25 de junho aconteceram os primeiros três dias de paralisação anunciados pelo sindicato RMT (Ferroviários, Marítimos e dos Transportes) na Grã-Bretanha. Há décadas não se via um movimento grevista desse tamanho e a luta promete inflamar diversos outros setores organizados na defesa de suas condições de vida.

Segundo relatos de nossos camaradas que participaram das manifestações e estiveram nos piquetes de greve, o clima entre os trabalhadores é de ânimo e disposição para levar a luta até o fim. Na paralisação do dia 21, os trabalhadores metroviários de Londres se juntaram ao RMT, fechando o metrô e paralisando a capital britânica.

O moral dos grevistas se fortalece ainda com

o apoio de outros sindicatos e até mesmo de transeuntes que acenavam nas ruas para apoiar o movimento. Segundo pesquisa realizada entre a população, 58% consideram a greve justificada, e boa parte acredita que o governo conservador é o verdadeiro culpado pelas paralisações.

A inflação na Grã-Bretanha chegou a 9,1%, a maior em 40 anos, e a classe trabalhadora, como um todo, sente, de forma cada vez mais dolorosa, o aumento do custo de vida. Em parte, isso justifica a onda de apoio que o movimento tem recebido, apesar do grande esforço de propaganda por parte da imprensa burguesa.

Os principais jornais britânicos se apressaram em condenar e demonizar a greve e a direção do sindicato, usando termos como “extremamente-esquerda” e “marxistas”. Segundo o *Daily Mail*, a

ação grevista seria responsável por um “verão de miséria” no país. É interessante observar também o chamado que os veículos burgueses fazem à direção do Partido Trabalhista para que condene a greve, ainda que o sindicato RMT não seja filiado.

A inflação no País chegou a 9,1%, a maior em 40 anos, e a classe trabalhadora sente cada vez mais o doloroso aumento do custo de vida

A atual direção trabalhista, encabeçada pelo traidor Keir Stamer, foi recentemente responsável por um expurgo da esquerda dentro do partido, dentre os quais, nossos camaradas da seção britânica da Corrente Marxista Internacional (CMI). Sua política de colaboração de classes, no entanto, parece não ser capaz de controlar os ânimos dos trabalhadores.

Stamer chegou a recomendar que os parlamentares trabalhistas não participassem dos piquetes de greve do RMT, mas nem mesmo

isso surtiu efeito. Vários representantes eleitos pelo Partido Trabalhista desobedeceram a ordem e visitaram os locais de greve oferecendo solidariedade.

Com isso, a direção do partido obteve uma dupla derrota: não conseguiu apaziguar os capitalistas raivosos e, com a faca nos dentes para por um fim ao movimento, provocou repulsa na base trabalhista que viu sua direção recuar covardemente ao menor sinal de luta de classes séria e combativa.

A greve acontece em um momento de profunda crise política, que culminou com a renúncia de Boris Johnson do posto de primeiro-ministro. Sua saída marca o fim de um governo conservador tumultuado, tanto política quanto economicamente, e atingido em cheio pela pandemia da Covid-19, que aprofundou e catalisou todas as contradições já agudizadas desde a saída da União Europeia (Brexit).

Ainda que decrépito, o governo conservador se mostra disposto a lutar, e será necessário um combate unido e resolutivo de toda a classe para que as reivindicações dos trabalhadores sejam atendidas.

Uma vitória por parte dos ferroviários do RMT significaria uma virada importante na luta de classes britânica, dando

força para outros sindicatos e mostrando o verdadeiro caminho para a defesa dos empregos e salários. Como bem notou a própria mídia burguesa, não se trata apenas de uma greve pontual, mas da expressão mais explosiva da guerra entre as classes.

Outras categorias já se mostraram dispostas a deflagrar greves nacionais em defesa de seus empregos, salários e condições de trabalho, como é o caso dos trabalhadores do serviço público, dos tribunais, das telecomunicações, dos correios, da saúde e professores.

A greve, portanto, não deve se limitar às reivindicações pontuais de uma ou outra categoria, mas caminhar em direção à derrubada do governo conservador que representa os patrões e bilionários que enriquecem às custas do trabalho da imensa maioria da população.

A greve é uma verdadeira escola da luta de classes, e acreditamos que desse movimento surgirá uma nova geração de sindicalistas e militantes dispostos a levar a luta até o fim. Mas, para alcançar a vitória, o movimento precisa unificar toda a classe trabalhadora britânica e colocar claramente a questão de quem realmente produz e deve governar a sociedade.



Trabalhadores da RMT em ação grevista